

Línguas nativas perto da extinção

Geografia

Enviado por: Visitante

Postado em:21/04/2009

Projetos tentam catalogar e salvar os idiomas sobreviventes, mas desaparecimento é mais rápido. Em 500 anos, cerca de mil línguas indígenas faladas no Brasil simplesmente desapareceram. Saiba mais...

A extinção média de dois idiomas nativos por ano foi mais acentuada nos tempos da colonização e do Império, com resquícios na República, já na década de 70, quando atingiu etnias de Rondônia e do Mato Grosso. Apesar da desaceleração, pelo menos 20 das quase 170 línguas sobreviventes estão em perigo. No Paraná, a língua xetá, original da última aldeia descoberta no estado, nos anos 40, é uma das mais ameaçadas. A alarmante constatação: a devastação marcou todo o território nacional, com maior intensidade nas regiões Nordeste, Sudeste e Sul do Brasil. As línguas foram quase todas extintas, sem deixar vestígios. Projetos de universidades, entidades de proteção da causa indígena e do governo tentam amenizar o estrago. Porém, o esforço de identificar, comparar, normatizar, catalogar e salvar os idiomas nativos corre na velocidade contrária à do processo de extinção. Programa fará o resgate de 20 a 35 idiomas Lançado na quarta-feira, o programa de Documentação de Línguas e Culturas Indígenas Brasileiras, coordenado pela Fundação Nacional do Índio (Funai) em parceria com o Museu do Índio, do Rio de Janeiro, terá como meta fortalecer 20 línguas nativas ameaçadas no país, podendo chegar a 35. A lista será divulgada segunda-feira no Diário Oficial da União. O registro desses idiomas será feito com o auxílio de equipamentos digitais entregues aos jovens índios para o registro das formas de comunicação utilizadas em distintas aldeias. Será criado um acervo digital e as línguas poderão contar ainda com um dicionário, uma gramática básica, mídias de divulgação e publicações científicas. O programa abrangerá todo o país, inclusive o Paraná, neste caso para a preservação do xetá. A primeira etapa consistirá em um levantamento sócio linguístico dos idiomas definidos de acordo com o número de falantes, o grau de ameaça e o tamanho da população que a utiliza. "Para termos o maior volume possível de informações, estamos elaborando um questionário adequado às diferentes realidades das aldeias brasileiras", diz a professora Bruna Franchetto, uma das coordenadoras do programa, ao explicar que a língua xetá é um exemplo da incerteza sobre o número de pessoas que ainda falam o idioma. Das línguas sobreviventes, só 15% delas têm mais de mil falantes e 25% reúnem no máximo 50 praticantes. Desde 2001, morreram os últimos falantes de cinco delas. Hoje, os xetás se reduzem a sete integrantes puros, sem mistura com outras etnias. São menos de 100 as pessoas no país com sangue xetá, espalhados pelo Norte do Paraná, em Santa Catarina e São Paulo. Apenas dois descendentes, em idade avançada, ainda teriam o domínio da língua. As principais causas do extermínio linguístico seriam as alterações nas tradições culturais indígenas e a falta de transmissão entre as gerações. A proximidade dos meios urbanos afasta os jovens dos costumes originais e uma alternativa para frear a aculturação seria implantar mais escolas indígenas nas aldeias, iniciativa que ganhou espaço na Região Oeste, onde há três aldeias avá-guarani, perto do reservatório de Itaipu. Na quarta-feira, a aldeia Tekohá Añetete, em Diamante d'Oeste, ganhou uma escola estadual em sede própria. Sessenta alunos da aldeia já vinham tendo aulas da educação infantil ao ensino fundamental em regime bilíngue português-guarani, desde agosto, no prédio do Centro Cultural Ambiental. Com capacidade para 350 alunos, a unidade, a exemplo da aldeia Ocoy, em São Miguel

do Iguaçu, adota o currículo definido pelo Ministério da Educação associado à cultura e tradição guarani. “A educação de qualidade dos índios é fundamental para preservarmos nossa memória e para a sociedade aprender a respeitar nosso povo”, diz o cacique João Alves. Na região de Curitiba, missionários da Primeira Igreja Batista fazem um trabalho semelhante de auxílio à manutenção dos costumes indígenas. Índios da tribo Araçá-i, na reserva de preservação ambiental da Sanepar, em Piraquara, também têm uma escola bilíngue. “Entre eles, o idioma oficial é o guarani. Mas, a necessidade de se comunicar além dos limites da aldeia fez com que muitos quisessem aprender o português”, diz o seminarista Rodrigo Florêncio. Além das crianças em processo de alfabetização, adultos estão tendo aula. Fonte: <http://portal.rpc.com.br>